

Simbioses: dinâmicas entre humano e não-humano na arte

Symbioses: dynamics between human and non-human in art

NIKOLETA KERINSKA

Universidade Politécnica Hauts-de-France, LARSH - Département DeScripto, Valenciennes, França

RESUMO

Este texto, cuja escrita oscila entre o ensaio e o artigo acadêmico, trata da noção de simbiose, da dicotomia entre natureza e cultura no sistema capitalista e de alguns pensamentos e formas artísticas que contestam essa dicotomia. O objetivo é esboçar um quadro de ideias que ao mesmo tempo fundamenta o tema da simbiose entre humano e não-humano, e fornece uma abertura para pensá-lo no campo arte. Trata-se apenas de um breve esboço cuja missão principal é inquietar seus leitores.

PALAVRAS-CHAVE

Simbiose, humano/não-humano, arte, dualidade natureza/cultura.

ABSTRACT

This text, whose writing oscillates between essay and academic article, deals with the notion of symbiosis, the dichotomy between nature and culture in the capitalist system, and some thoughts and artistic forms that challenge this dichotomy. The aim is to sketch out a framework of ideas that both underpins the theme of symbiosis between humans and non-humans and provides an opening for thinking about it in the field of art. This is only a brief outline, whose main mission is to unsettle its readers.

KEYWORDS

Symbiosis, human/non-human, art, nature/culture duality.



Figura 1 – Nikoleta Kerinska, 2024, Minúsculos seres que habitam plantas e sonhos, Desenho, colagem, monotipia, 34,5 X 26 cm. Crédito da imagem: Nikoleta Kerinska.

“Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estada por entre árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.”

Fernando Pessoa

1. Uma urgência vital

O início do século XXI apresenta-se como um momento singular na história. Trata-se de uma época marcada por conexões inéditas, trocas intensas de ideias e especulações intelectuais que desafiam qualquer tentativa de classificação. A experiência contemporânea revela tanto a exuberância das conquistas humanas quanto a persistência de sentimentos de incerteza e insatisfação que atravessam o cenário global.

Nunca a humanidade acumulou tantos conhecimentos sobre o planeta, e sobre si mesma. Os avanços científicos e tecnológicos, aliados às conquistas materiais, configuram um patrimônio coletivo sem precedente. A expansão de instituições como escolas e hospitais, bem como a construção de infraestruturas diversas, testemunham o esforço civilizatório. O mundo material e simbólico se distingue pela diversidade de objetos, máquinas, utensílios e obras culturais. A produção artística, musical, literária e teórica alcança uma densidade e uma pluralidade que reforçam a ideia de um século marcado pela criatividade e pela multiplicidade de expressões.

Nesse contexto, poder-se-ia afirmar que à humanidade restaria apenas colher os frutos de sua inteligência e de sua capacidade inventiva, usufruindo de uma vida plena e feliz.

Contudo, paralelamente a esse quadro de abundância, emerge um sentimento difuso de insatisfação e insegurança.

Os meios de comunicação, símbolos da modernidade, relatam diariamente tragédias que se sucedem em diferentes regiões do planeta: guerras, assassinatos, conflitos políticos, desastres climáticos, crises humanitárias e fome infantil. Essas narrativas circulam em um fluxo contínuo, produzindo um efeito de encantamento e inquietação sobre os públicos que as consomem. Assim, a humanidade encontra-se imersa num contexto político, social e econômico cujas razões permanecem obscuras, e, cujas projeções futuras frequentemente se apresentam carregadas de pessimismo.

Para não deslizar na superfície dessa problemática global citaremos aqui alguns fatos relatado por Gilles Gressani (2025) durante sua tentativa de fazer uma síntese do ano que está terminando:

2025 foi um ano preocupante – na verdade, muito estranho. Estamos virando a página do primeiro quarto do século XXI – desde 2 de julho, estamos mais próximos de 2050 do que do ano 2000. [...] Pela primeira vez em vinte anos, há mais regimes autoritários do que democracias no mundo – e a mudança mais espetacular, evidentemente, está ocorrendo em Washington. Com a aproximação do 250º aniversário da independência, surge uma questão: os Estados Unidos ainda são uma democracia? Desde seu retorno à Casa Branca, Donald Trump passou mais de 80 dias jogando golfe e participou em cerca de 40% menos eventos públicos do que em seu primeiro mandato[...] No entanto, suas ações parecem mais radicais e eficazes. Isso se explica por uma mudança na natureza do poder. Uma nova elite tecnocrática assumiu o comando – ela usa a energia espetacular liberada pelo presidente americano como combustível para transformar uma democracia enfraquecida em algo bastante inédito – uma espécie de novo sistema monárquico, um antigo regime na era da IA. Com uma consequência imediata: em 2025, o enriquecimento privado dessa nova corte foi impressionante. A fortuna de Donald Trump e sua família mais que dobrou: eles parecem ter ganho mais de dez bilhões de dólares em dez meses. E, enquanto isso, na primeira economia mundial impulsionada por investimentos colossais em inteligência artificial, a expectativa de vida estagna e os paradoxos se acumulam. Enquanto novos medicamentos para emagrecer fazem desaparecer os tamanhos XXXL, mais da metade dos animais domésticos americanos são obesos; e agora há seis vezes mais cães e gatos do que crianças pequenas na União Europeia. Juntos, esses números retratam um Ocidente em plena mutação tecnológica e antropológica – profundamente desorientado e desigual. Sabe-se agora que os 1% mais ricos do planeta acumularam quase metade da riqueza entre 2000 e 2024¹.

O século XXI, portanto, revela-se como um momento paradoxal: ao mesmo tempo em que se caracteriza pela exuberância das conquistas humanas, é

¹ Radio crônica de Gilles Gressani, pesquisador em ciências políticas, emitida em 19/12/2025 pela radio France Culture e disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/la-chronique-du-grand-continent/la-chronique-du-grand-continent-chronique-du-vendredi-19-decembre-2025-8507068>, consultado 19/12/2025.

atravessado por incertezas que desafiam a possibilidade de uma plena realização coletiva. A reflexão crítica sobre esse paradoxo torna-se fundamental para compreender os dilemas contemporâneos e para pensar alternativas que permitam transformar a abundância material e simbólica em condições efetivas de bem-estar e justiça social.

Como situar-se nesse contexto, e, que adjetivo escolher para identificar o nosso tempo? Caótico? Incerto? Confuso? Fragmentado? Injusto? Catastrófico?

Este texto emerge da sensação, ao mesmo tempo banal e persistente, que *nada vai bem*. Essa mesma sensação que Munch (“O grito”, 1893 - 1917) imortalizou sob forma pictórica como uma descarga violenta de emoção que ultrapassa os limites da linguagem. A imagem do grito encarna uma urgência vital: a necessidade de não se deixar petrificar pela indiferença, pela impotência ou pela ausência de esperança. Essa urgência traduz-se na recusa de testemunhar passivamente as tragédias mundiais e cotidianas. Evidentemente, seria pretensioso e ingênuo acreditar que um texto, por si só, pudesse desencadear transformações estruturais ou oferecer soluções. No entanto, se a escrita for capaz de instigar alguns leitores, ou mesmo de provocar neles uma inquietação que se manifeste sob outras formas de expressão, já terá cumprido sua função.

Sem anunciar de forma explícita o plano desta reflexão, deixamos entrever uma provocação: a possibilidade de um mundo melhor. Trata-se de um convite à imersão crítica, à disposição de pensar alternativas e de reconhecer que, mesmo em meio às incertezas, a imaginação de futuros diferentes permanece como tarefa ética e política da humanidade.

2. Uma bela noção

“A criança humana é um mosaico de anjo e animal”, escreve o antropólogo Jacob Bronowski (1992, p.30). Esta bela imagem evoca tanto nossa determinação biológica, quanto nossa ascensão intelectual e cultural. Os humanos são representantes de uma espécie inquieta, resultado de um longo processo evolutivo marcado por grandes conquistas intelectuais, como o desenvolvimento da linguagem, do pensamento abstrato e da cultura. Entre as atividades humanas, a arte ocupa um

lugar único: além das necessidades vitais, a arte mobiliza as dimensões simbólica, emocional e espiritual dos humanos. Assim, a capacidade de produzir arte é frequentemente considerada um traço distintivo da humanidade, às vezes interpretada como um sinal de sua origem divina.

No entanto, se a arte é frequentemente vista como marca exclusiva da humanidade, ela também revela que o ser humano não cria sozinho: cada obra nasce de uma relação do homem com seu meio-ambiente e seu contexto – seja pela matéria que resiste e inspira, pelos ecossistemas que condicionam a sensibilidade, ou pelas forças invisíveis que atravessam o gesto criador. O homem não é uma essência em si, nem definido unicamente por si mesmo, ele evolui numa malha de relações, em parte tecida por ele mesmo. Em outras palavras, “não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece” (Merleau-Ponty, 1945/1994, p. 6).

O “estar no mundo” do homem pode ser analisado em diferentes níveis próprios as suas ações e a sua existência, que levaria sem dúvida a uma fragmentação. Propomos em contrapartida, a perspectiva aberta pela noção de simbiose, que parece abrir e ampliar esse “estar do homem no mundo” para além de suas necessidades primeiras, e deste modo permite a passagem à uma concepção mais integrada, e em função da qual passaremos a chamá-lo humano.

A etimologia do termo simbiose revela plenamente o seu sentido: deriva do grego *sýn* (σύν), que significa ‘com, junto’ e *bíos* (βίος), que significa ‘vida’, evidenciando o significado de ‘vida em conjunto’.

O termo surge em 1877, usado pelo botânico A. Bennett para descrever o mutualismo relacional dos líquenes². Em 1879, o micologista alemão Heinrich Anton de Bary introduziu o termo simbiose para descrever a “vida em comum” entre um fungo e uma alga nos líquenes. Ele definiu a simbiose como uma associação duradoura entre organismos “heterospecíficos”³. A simbiose passa a ser a capacidade de

²Ser vivo que corresponde à associação em simbiose de uma alga e um fungo, encontrado em muros, rochedos, troncos de árvores etc. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, disponível em <https://dicionario.priberam.org/l%C3%ADquenes>; acessado em 10/12/25.

³Heterospecífico é um termo utilizado em biologia e ecologia para descrever interações ou relações envolvendo várias espécies diferentes. Opõe-se ao conceito de homospecífico, que diz respeito às relações entre indivíduos da mesma espécie. As interações heterospecíficas podem ser positivas, negativas ou neutras, e abrangem diversas situações, como competição, predação, parasitismo, simbiose ou mutualismo. Assim, heterospecífico designa tudo o que diz respeito às relações e às trocas

“organismos opostos viverem juntos”, introduzindo aqui uma noção de coabitação dentro de uma biocenose limitada a dois organismos⁴.

A definição de simbiose é controversa entre os cientistas. Alguns acreditam que a simbiose se refere apenas a mutualismos persistentes, enquanto outros acreditam que ela deve ser aplicada a todos os tipos de interações biológicas persistentes, como mutualismo, comensalismo, parasitismo (antônimo de simbiose) e inquilinismo.

Na biologia contemporânea, a simbiose é compreendida como uma associação duradoura entre organismos distintos, cuja sobrevivência depende dessa convivência. Cada espécie envolvida retira proveito da relação, configurando um modo de existência partilhada. Posteriormente, Heinrich Anton de Bary e Albert-Bernhardt Frank ampliaram o alcance do termo ao reino animal, precisando sua definição a partir das ideias de “viver juntos” e “associação duradoura” (*Ibid.*).

Mais tarde, Karl Brandt deslocou o enfoque ao interrogar-se sobre a vantagem obtida, introduzindo em 1881 o conceito de benefício mútuo. Oscar Hertwig, por sua vez, destacou o caráter de inter-relação que atravessa tais vínculos. Ao evocar a palavra evolução, abre-se um campo semântico que pode remeter tanto à teoria darwiniana ou neodarwiniana – que toma como unidade de seleção as espécies e como temporalidade os tempos geológicos – quanto à noção de evolução como processo de transformação ao nível dos indivíduos, ao longo de uma vida humana, animal ou vegetal (*Ibid.*).

O que é interessante reter é que essa relação íntima e duradoura entre dois organismos diferentes, pode ser benéfica para ambos os parceiros, mas também pode evoluir para formas como comensalismo ou parasitismo, pode ser também obrigatória ou facultativa. De todo jeito, o resultado dela é que os organismos não podem viver um sem o outro, e que essa interação biológica estreita é de longo prazo. Os dois

entre diferentes espécies num ecossistema. In dicionário on-line: La langue française, disponível em <https://www.lalanguefrancaise.com/dictionnaire/definition/heterospecifique>; acessado em 10/12/25.

⁴ Ver enciclopédia de biologia on-line AQUA PORTAL, disponível em <https://www.aquaportal.com/encyclopedie/symbiose>. Acessado em: 14/12/2025.

simbiontes, que dependem um do outro, podem ser também de naturezas muito variadas: animais, vegetais, fungos, bactérias.

Para compreender o lugar do humano e importância de suas relações simbióticas com o resto (que chamaremos de não-humano), recorremos à teoria formulada por Lynn Margulis na década de 1960. Segundo a pesquisadora, à “teoria da endossimbiose” explica a origem dos organismos multicelulares. Sua hipótese é a seguinte: as mitocôndrias – e, nas plantas, os cloroplastos – descendem de bactérias que foram incorporadas por células ancestrais e passaram a viver em associação permanente com elas. Essa convivência simbiótica, inicialmente utilitária, transformou-se em uma relação estrutural e indispensável, permitindo às células hospedeiras produzir energia de forma mais eficiente e, assim, abrir caminho para a complexificação da vida.

A endossimbiose não apenas explica a emergência das células eucarióticas, mas também sugere que a cooperação entre organismos distintos foi um motor decisivo da evolução, tornando possível o surgimento de formas de vida multicelulares e, em última instância, da própria humanidade (Margulis; Sagan, 2022)

Interpretando as contribuições de Lynn Margulis e Dorion Sagan, podemos afirmar que, ao observarmos a Terra em perspectiva ampla e ao longo de sua história, ela se revela como um planeta de microrganismos – bactérias, vírus e formas de vida invisíveis – que nunca cessaram de evoluir em simbiose. Essa é a essência de sua trajetória, sua estrutura mais profunda. Nós mesmos, como todos os animais e vegetais, somos no fundo composições ultra complexas de bactérias, sistemas microscópicos que constituem a base da vida terrestre. Margulis opera uma síntese inédita ao articular a escala microscópica, a escala dos indivíduos e a escala planetária em torno de uma concepção de evolução renovada pela ideia de simbiose: a associação íntima e duradoura entre organismos diferentes.

A bióloga nos oferece um relato inédito sobre a vida, que desvenda o maior mistério da nossa existência – o surgimento e o desenvolvimento da vida na Terra. Esse relato também testemunha da luta vitoriosa de sua autora que, após anos de resistência da parte da comunidade científica, impôs a necessidade de pensar o vivo a partir de suas relações de cooperação.

A beleza da noção de simbiose revela-se quando compreendemos que somos fruto de trocas e colaborações complexas, inseridos em um todo chamado vida – muitas vezes esquecido ou ignorado por nós. Essa perspectiva desloca a visão clássica da evolução, centrada na competição, para um horizonte mais amplo, mais humilde e profundamente vinculado aos outros organismos. Trata-se de uma concepção que nos convida a reconhecer a interdependência como fundamento da existência e a valorizar a cooperação como princípio vital.

3. Humano, demasiadamente humano⁵

Em que momento o humano se afastou das relações que o ligavam aos outros organismos e formas de vida? Em que instante nos destacamos do conjunto, erigindo a noção de “natureza” como algo separado de nós? Philippe Descola indica que esse processo se iniciou no século XVII, quando se estabeleceram os fundamentos de uma visão dualista que opõe cultura e natureza⁶.

Nesse período, marcado pelo racionalismo cartesiano e pelo florescimento da ciência moderna, a natureza passou a ser concebida como objeto de observação, mensuração e domínio, enquanto o humano se afirmava como sujeito autônomo, dotado de razão e capaz de controlar o mundo. Essa cisão, que se tornou característica do naturalismo ocidental, instituiu uma forma de pensar que privilegia a separação e a hierarquia, relegando os outros seres vivos à condição de recursos ou de cenário. Seguir de perto esse processo é compreender como se construiu uma ontologia que ainda molda nossa maneira de habitar o planeta, e que contrasta com outras cosmologias que reconhecem a continuidade entre humanos e não-humanos.

Temos o hábito de constatar que os humanos usam mal os recursos naturais, que nossas tecnologias consomem uma grande parte desses recursos, e que o nosso modo de vida é a principal razão de uma catástrofe ecológica eminente. Fazer essa

⁵ Esse subtítulo faz referência a palestra de Philippe Descola, na ocasião do colóquio *Comment penser l'Anthropocène ?*, nos dias 5 e 6 de novembro 2015, no Collège de France, Paris.

⁶ « Humain, trop humain » : Intervention de Philippe Descola Intervention lors du colloque « Comment penser l'Anthropocène ? », les 5 et 6 novembre 2015 au Collège de France, Paris. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yY_mVVtkQi4&t=208s

constatação não é difícil, mas mais interessante é analisar a origem do problema. Para compreender a situação atual, Philippe Descola compartilha conosco um olhar minucioso sobre a nossa história recente. Segundo o antropólogo, duas coisas podem ser apontadas como mudanças radicais do nosso modo de vida: “A primeira é a antropização da Terra”⁷, que atingiu um limiar crítico em áreas, que não haviam sido povoadas anteriormente. Entre as consequências mais perceptíveis são o aquecimento global, a erosão da biodiversidade, a acidificação dos oceanos, a poluição das águas, das terras e dos solos. A antropização é diretamente ligada a invenção de “novos produtos, como antibióticos, pesticidas e OGM, que se combinam com a disseminação de novas espécies em novos habitats, e com a circulação de agentes patogênicos capazes de ultrapassar as barreiras entre espécies” (*Ibid.*). Ele cita também “a monocultura intensiva” e seus efeitos sobre as temperaturas, mais elevadas da atmosfera e dos oceanos, que alteram os processos evolutivos. Para sintetizar esse primeiro ponto, Descola utiliza uma citação do especialista em ecologia marinha Stephen Palumbi: “Os seres humanos são agora a maior força evolutiva na Terra” (*Ibid.*).

A segunda coisa se resume no fato de que uma pequena parte da humanidade se apropriou da Terra e a devastou, para garantir aquilo que define como “seu bem-estar, em detrimento de uma multidão de outros seres humanos e não-humanos, que pagam diariamente as consequências dessa ganância” (*Ibid.*). Portanto, não é a humanidade em geral que está na origem do Antropoceno, mas sim “um sistema, um modo de vida, uma ideologia, uma maneira de dar sentido ao mundo e às coisas, cujo fascínio não deixou de se expandir, e cujas particularidades devem ser compreendidas se quisermos pôr fim a esse processo” (*Ibid.*).

Analisando as palavras de Philippe Descola, dois problemas se tornam claros: por um lado, a intensificação da antropização da Terra e as ações humanas que a acompanham, nos levaram a processos irreversíveis como o aquecimento global, a extinção da biodiversidade, e a alteração dos mecanismos evolutivos; por outro, devemos compreender que não seria *a humanidade* em bloco responsável por essas transformações. O antropólogo sublinha que as indústrias modernas, as práticas

⁷ Todas as citações de Philippe Descola provêm de sua conferência e foram traduzidas pela autora.

agrícolas, e todas as formas de produção são veiculadas a um sistema econômico e ideológico, que determina um modo de vida hegemônico:

É o desenvolvimento, ao longo dos últimos séculos, primeiro na Europa Ocidental e depois em outras regiões do planeta, de um modo de composição do mundo que tem sido chamado de diversas maneiras, dependendo dos aspectos do sistema que se desejava destacar: capitalismo, revolução industrial, *tecno-esfera* ou *tecno-cena*⁸, modernidade, naturalismo. Em que consiste esse sistema? Em primeiro lugar, ele se baseia, pela primeira vez na história da humanidade, na afirmação de uma diferença de natureza, e não mais de grau entre humanos e não-humanos, uma diferença que enfatiza o fato de que os primeiros, os humanos, compartilham com os segundos propriedades físicas e químicas universais. Mas que eles são distintos por sua disposição moral e cognitiva. O resultado é, de fato, o surgimento de uma natureza hipostasiada em relação à qual os humanos são distanciados e colocados em posição de superioridade. (*Ibid*)

Neste sistema, uma minoria da humanidade se apropria dos recursos e impõe custos desproporcionais, bem como regras excludentes, à vasta maioria de humanos e não-humanos. Esses “outros”, que compõem a maior parte da vida, mas permanecem fora da governança do sistema, são permanentemente usados, sacrificados e marginalizados. Romper com a visão homogênea da espécie humana como predadora torna-se, portanto, indispensável: é preciso reconhecer e analisar as lógicas de poder e de sentido que sustentam a ordem vigente, se quisermos abrir caminhos para alternativas capazes de superar suas desigualdades e violências.

O antropólogo aponta também uma transformação maior do nosso modo de vida, que é o uso de energia:

Durante milênios, as sociedades agrárias basearam-se na energia solar, ou seja, na fotossíntese de várias espécies de plantas e na sua conversão em alimentos, e na energia fornecida pela ação dirigida de humanos e animais. Os pilares da vida eram, portanto, a terra e o trabalho — recursos que permaneceram inalienáveis por muito tempo, como a antropologia econômica nos ensinou há muitas décadas. O desenvolvimento do capitalismo mercantil, do sistema colonial, e posteriormente imperialista, no qual esse capitalismo mercantil se baseia, permitiu a diversificação global das fontes de energia, matérias-primas e bens manufaturados, bem como sua equalização por meio da moeda. Tudo se tornou convertível em dinheiro. As diferenças de custo de produção possibilitadas pelo transporte barato de mercadorias transformaram este último numa fonte de lucros financeiros consideráveis (*Ibid.*).

Descola chama a nossa atenção para uma transformação histórica da função do dinheiro: este deixa de ser apenas um meio de troca entre mercadorias, ele passa

⁸ No original: technosphère ou techno scène (grifo nosso).

a ser um resultado do processo de circulação das mercadorias e deste modo, um produto da lógica do mercado, e um recurso estratégico na aquisição de energias. A consequência imediata é a ruptura com a forma ontológica de produção de bens. As novas fontes de energia e de matéria prima, mencionadas por Descola, são, portanto, desconectadas da terra agrícola. Assim, a riqueza e o poder deixam de depender diretamente da lavoura (como no modelo agrário tradicional), e passam a se apoiar em novas formas de energia – como o carvão, o petróleo ou outras fontes industriais. Essa desconexão marca uma mudança estrutural: a economia não está mais vinculada ao ritmo da agricultura, mas ao acesso a fluxos energéticos externos. Inaugura-se então uma nova lógica econômica, ligada ao desenvolvimento industrial, que induz as sociedades modernas a mergulhar na maior ilusão dos dois últimos séculos, e da qual somos vítimas até hoje: considerar “a natureza como recurso infinito, permitindo um crescimento infinito graças ao aperfeiçoamento infinito das técnicas” (*Ibid.*).

A conferência da Descola é abundante em exemplos e fatos, que denunciam o sistema capitalista e seus *modus operandi*. Este assunto ultrapassa amplamente o âmbito deste texto. Nossa intenção é de refletir sobre as simbioses entre humano e não-humano na arte, e para poder tratar este tema com a devida seriedade, nos parece indispensável seguir o convite de Descola para compreender que não existe uma única forma de conceber o mundo vivo, mas múltiplas ontologias que estruturam as relações entre humanos e não-humanos. Animismo, totemismo, analogismo e naturalismo são modos distintos de habitar e significar a Terra, revelando que a ideia de natureza é sempre culturalmente construída.

Essa perspectiva amplia e ressoa com a noção de simbiose: se a vida se sustenta por interdependências biológicas, também se organiza por sistemas de pensamento que reconhecem (ou negam) essas inter-relações. Descola nos lembra que pensar o vivo implica reconhecer a diversidade de formas de coexistência, e que a própria humanidade só pode ser entendida como parte de uma trama maior de vínculos e trocas. Tal compreensão, entretanto, revela o caráter insustentável do sistema vigente e condena a lógica perversa que sustenta seu funcionamento. O antropólogo conclui:

Em suma, estamos todos no mesmo barco, mas a situação não é a mesma para quem está confinado nos porões, os primeiros a afundar em caso de
ESTADO da ARTE | Uberlândia | v.6 n.2 | p. [n.p.] | jul./dez. 2025

naufrágio, e para quem está nos salões da primeira classe, próximo dos botes salva-vidas. Então, há uma coisa que podemos fazer coletivamente para alterar talvez a rota do barco a longo prazo, antes que seja tarde demais, e isso é mudar os motores, e o modo de navegação. (*Ibid.*)

4. Intuições

Nesta seção, são desenvolvidas algumas ideias sobre as manifestações da simbiose entre o humano e o não-humano na arte. A principal motivação é apresentar a arte como uma força intuitiva, capaz de antecipar certas inquietações intelectuais, de promover ideais subversivas e de vislumbrar mundos possíveis. Para além da utopia, a arte pode servir como meio de discussão da noção de simbiose – evidenciando que ela, a cultura e a própria existência humana são inseparáveis das interações com o não-humano, bem como das questões ecológicas e políticas que essas interações implicam.

Não devemos esquecer que na história da arte, a dicotomia entre natureza e cultura foi alimentada por representações e discursos que opõem o mundo natural – percebido como dado, espontâneo e orgânico – ao mundo cultural – entendido como construído, artificial e simbólico. Essa tendência persistiu durante séculos, dos mitos antigos ao romantismo, passando pela Renascença e chegando ao próprio campo da arte contemporânea, sustentando durante muito tempo a clivagem característica da tradição filosófica ocidental (Aristóteles, Descartes, entre outros). Contudo, nossa intenção é de detectar e destacar algumas formas artísticas que precocemente escaparam a dicotomia entre natureza e cultura, e, outras, mais recentes, que se opuseram resistentemente a tradição ocidental, e buscaram inspirações nas simbioses entre humano e não-humano.

Imaginar e representar o humano em seu limiar com o não-humano é uma prática que pode ser observada desde a Antiguidade. Na arte grega, escultores e pintores retrataram centauros (meio homem, meio cavalo), sátiros (humanos com traços animais) e figuras como Medusa. Já na arte romana, mosaicos e afrescos mostravam híbridos mitológicos, como Hércules enfrentando criaturas meio humanas, meio animais. Essas hibridizações entre humano e não-humano – seja entre homem e animal, ou outras formas – atravessam a mitologia, a religião e a imaginação artística, estando na Antiguidade intimamente ligadas ao sagrado e ao mito.

Na arte medieval, encontramos exemplos marcantes de quimeras, grifos e outros seres híbridos, retratados em iluminuras e esculturas de catedrais, frequentemente com função de advertência moral e espiritual. Na pintura, Hieronymus Bosch criou obras como “O Jardim das Delícias” (1504), repletas de seres híbridos que misturam humanos, animais e objetos em visões fantásticas e inquietantes. Pieter Bruegel, o Velho, em obras como “O Triunfo da Morte” (1562), também apresentou figuras grotescas e híbridas, que combinam humano e não-humano em alegorias da morte e suas manifestações.

Um exemplo marcante da representação da simbiose entre humano e não-humano são as obras de Giuseppe Arcimboldo, pintor italiano, célebre por seus retratos compostos de frutas, flores, animais e objetos, que criavam figuras humanas de forma engenhosa e simbólica. Seu estilo, associado ao maneirismo, explorava a ilusão e a ambiguidade, transformando elementos naturais em rostos e corpos humanos (série “As quatro estações” 1563-1573). As pinturas do Arcimboldo, redescobertas no século XIX, foram uma fonte de inspiração e de admiração para os artistas surrealistas, que viram nelas um precursor da imaginação moderna.

No Surrealismo, a simbiose entre o humano e o não-humano manifesta-se como uma estratégia estética e filosófica para dissolver fronteiras rígidas entre sujeito e mundo. Artistas como Salvador Dalí, Max Ernst e Leonora Carrington exploraram metamorfoses inquietantes, em que corpos humanos se fundem com animais, objetos ou paisagens, criando imagens híbridas que desafiam a lógica racional. Essa fusão traduz o desejo surrealista de revelar dimensões ocultas da psique e da realidade, onde o humano se reconhece inseparável do não-humano. Ao propor criaturas híbridas e ambientes oníricos, os surrealistas retratam as fusões e as confluências entre natureza, inconsciente e cultura, questionam as hierarquias, e abrem um caminho para imaginar novas formas de existência.

Os exemplos citados até aqui revelam o interesse dos artistas pela representação de híbridos entre humano e não-humano, que pode ser interpretada como uma crítica às fronteiras rígidas entre natureza e cultura.

Claude Lévi-Strauss, em sua análise estrutural dos mitos (1964/2014), mostrou que as narrativas míticas operam por meio de oposições binárias: vida/morte, natureza/cultura, humano/animal, mas também pela sua constante mediação. Nesse

sentido, os híbridos artísticos funcionam como figuras mediadoras, que tornam visível a permeabilidade dessas categorias, e sugerem a ideia de que a cultura não existe sem a natureza.

A ideia da dicotomia entre natureza e cultura é tratada também nos trabalhos de Bruno Latour. O filósofo, por sua vez, propõe a chamada “antropologia simétrica” e a “teoria ator-rede”, para argumentar que a modernidade nunca conseguiu separar de fato o social da natureza. Em “Jamais fomos modernos” (1994), ele mostra que humanos e não-humanos estão sempre entrelaçados em redes de ação, e que a dicotomia natureza/cultura é uma construção ideológica da modernidade. Assim, os híbridos artísticos podem ser lidos como metáforas dessa rede, desestabilizando a pretensão moderna de separar o humano do mundo natural.

Já Donna Haraway, em seu célebre “Manifesto Ciborgue” (1985/2018), propõe o ciborgue como figura híbrida que dissolve fronteiras entre humano, animal e máquina. Para Haraway, o ciborgue é uma ficção política e epistemológica que questiona hierarquias e abre espaço para imaginar novas formas de coexistência. A arte que cria híbridos humano/não-humano dialoga com essa perspectiva, ao mostrar que identidade e cultura são sempre compostas de elementos múltiplos e interdependentes.

Assim, a criação de híbridos na arte não apenas mobiliza o imaginário mitológico e surreal, mas também instiga os debates filosóficos contemporâneos, mostrando que a dicotomia natureza/cultura é insuficiente para pensar as complexas interações que constituem o humano.

Atualmente, as simbioses entre animais, plantas e humanos tornam-se metáforas vivas de uma nova sensibilidade ecológica, na qual o humano deixa de ocupar o lugar central, e passa a ser uma entre outras entidades. Essas obras – que vão da bioperformance às instalações multiespécies – anunciam a abolição da dicotomia natureza/cultura ao proclamar que toda forma de vida é sempre co-produzida, co-habitada e co-dependente.

Ao explorar hibridismos, interdependências e alianças inesperadas, essas proposições artísticas sugerem pensar o lugar do humano no mundo não como vetor de dominação, mas como elemento de participação, não como este que ordena, mas como este que se transforma. Assim, a simbiose humano/não-humano torna-se um

princípio estético e ético que reconfigura nossa percepção do vivo, convidando-nos a imaginar modos de existência baseados na reciprocidade, na vulnerabilidade compartilhada, e na multiplicidade das formas de vida no planeta.

Neste sentido, na arte contemporânea, diversos artistas têm explorado temas e assuntos questionando a posição humana no mundo vivo. Pierre Huyghe⁹ cria ecossistemas híbridos onde organismos, máquinas e humanos coexistem em estados de transformação contínua, enquanto Anicka Yi¹⁰ trabalha com bactérias, fungos e odores para imaginar futuros multiespécies. Patricia Piccinini¹¹, com suas criaturas hiper-realistas, provoca uma empatia que ultrapassa as fronteiras biológicas, e Eduardo Kac¹² investiga os limites éticos e ontológicos da vida integrando biotecnologia e criação artística. Esses artistas pensam a vida não como uma entidade isolada, mas como um processo de co-produção permanente, no qual o humano é apenas um dos muitos agentes que compõem o tecido do mundo.

Ao lado deles, outros criadores aprofundam a crítica à dicotomia natureza/cultura, propondo modos de existência baseados na interdependência. Tomás Saraceno¹³ colabora com aranhas e atmosferas para construir redes que materializam relações invisíveis; Alexandra Daisy Ginsberg¹⁴ investiga biologia sintética e ecologias restaurativas, questionando o que significa “proteger” a natureza; e Ursula Biemann¹⁵ articula cosmopolíticas indígenas e ecologias planetárias em vídeo-ensaios que dissolvem fronteiras entre corpo, território e espírito. Em conjunto, essas práticas artísticas não apenas materializam as possíveis simbioses, mas as performam: elas instauram espaços para imaginar novos sistemas vitais, autossustentáveis e equilibrados.

⁹ Ver <https://www.pca-stream.com/en/explore/living-systems/>

¹⁰ Ver <https://www.xibtmagazine.com/2019/08/anicka-yi/>

¹¹ Ver <https://awarewomenartists.com/artiste/patricia-piccinini/>

¹² Ver <https://www.ekac.org>

¹³ Ver <https://studiotomassaraceno.org/hybrid-webs/>

¹⁴ Ver <https://www.daisyginsberg.com/work/synthetic-aesthetics>

¹⁵ Ver <https://manifesta13.org/projects/ursula-biemann/index.html>

Uma outra tendência na arte contemporânea requer também a nossa atenção: trata-se de pesquisas artísticas que retomam rituais e práticas ancestrais, nas quais o humano reaparece como parte inseparável da natureza, não como seu observador externo. Artistas que dialogam com cosmologias indígenas, saberes xamânicos, práticas de cura, cantos, danças e relações espirituais com plantas e animais revelam modos de existência em que o corpo humano é apenas um dos muitos corpos que compõem o mundo vivo. Nessas obras, o ritual retoma vínculos essenciais dos nossos saberes primordiais: ele reativa vínculos com a terra, com os ciclos, com os elementos e com as presenças não humanas que estruturam a vida comunitária. Ao incorporar gestos ancestrais, plantas medicinais, narrativas orais e formas de escuta profunda, essas práticas artísticas desestabilizam a separação moderna entre natureza e cultura, mostrando que, para muitos povos, a natureza não é um recurso, mas uma parentela – um conjunto de forças com as quais se convive, se negocia e se coevolui. Assim, a arte torna-se um espaço de reencantamento e de reconexão, onde o humano se reconhece como parte de uma ecologia espiritual e material mais ampla.

Diversos artistas contemporâneos aprofundam essa dimensão ritual e ancestral ao incorporar práticas espirituais, saberes tradicionais e relações multiespécies em suas obras. Ernesto Neto, em colaboração com comunidades indígenas como os Huni Kuin, cria ambientes imersivos que ativam cantos, plantas medicinais e modos de cura que reafirmam a continuidade entre corpo, território e espírito. Cecilia Vicuña¹⁶ convoca mitologias andinas, fios, sementes e gestos cerimoniais para reatar vínculos com a terra e com memórias coletivas apagadas pela modernidade colonial. Sheroanawe Hakihiwe¹⁷, artista yanomami, transforma grafismos tradicionais em cartografias sensíveis, que expressam a presença de espíritos, animais e forças da floresta. Daiara Tukano¹⁸ articula pintura, performance e ativismo para afirmar cosmologias onde humanos, rios, plantas e ancestrais formam uma única comunidade viva. Em conjunto, essas práticas mostram que o ritual não é

¹⁶ Ver <https://www.beauxarts.com/expos/cecilia-vicuna-artiste-eco-feministe-revolutionnaire/>

¹⁷ Ver <https://www.fondationcartier.com/collection/artists/sheroanawe-hakihiwe>

¹⁸ Ver <https://www.daiaratukano.com/fr/arte>

apenas um tema, mas uma forma de conhecimento que reinscreve o humano no coração da natureza.

Esses são apenas alguns exemplos que testemunham do engajamento de certos artistas com a propulsão de novas ideias e atitudes políticas e sociais. Esses exemplos não são exaustivos e cada um dele pode nos oferecer múltiplas intuições e leituras da problemática deste dossiê.

5. Uma aspiração

Este curto texto não termina com uma conclusão, pois ele foi pensado não como um estudo, mas como uma provocação. Espero que os textos reunidos nesse dossiê despertem nossas consciências, e nos instiguem a mudanças decisivas, a repensar o nosso lugar no mundo, a inventar um futuro no qual as simbioses entre humano e não-humanos sejam princípios de existência e de convívio. A noção de simbiose foi evocada e analisada para examinar as possibilidades de *contaminação* que ela traz pela beleza de sua filosofia. Essa contaminação pode rimar com *sabedoria*. Faremos das nossas trajetórias percursos simbióticos, que defendem a causa do vivo em detrimento o capitalismo predatório.

Terminaremos com uma frase de Kapka Kassabova do seu livro “Elixir”: “Este é o significado da natureza. *Pri-roda*. *Priroda* significa literalmente “com o clã”¹⁹. A autora usa a palavra búlgara ‘природа’ (*priroda*), que significa natureza. Ela pode ser lida em duas partes ‘при’(pri = com), e, рода (*roda* = clã ou tribo). Esta é uma chave etimológica que a autora usa para abrir um espaço afetivo, transformando a natureza numa experiência íntima, quase ancestral. A natureza não é mais um cenário, nem um conjunto de recursos, mas uma comunidade original, um clã ao qual pertencemos antes mesmo de saber. Kapka Kassabova sugere que o ecossistema não é apenas uma estrutura biológica: é uma estrutura de pertencimento. Estar na natureza é reencontrar uma forma de parentesco alargado – as árvores como ancestrais, os rios como irmãos, as montanhas como guardiãs silenciosas. A palavra *priroda*, que nos

¹⁹ No original em inglês: “This is the meaning of nature. ‘Pri-roda’. Priroda is literally ‘with the clan.’ To be in nature is to return to your own kind.”

diz *regressar ao seio da família* inverte a nossa perspectiva: não somos nós que visitamos a natureza, é ela que nos acolhe, como um elo perdido. Nessa doce mensagem, há uma verdade profunda: a natureza não é externa a nós. Ela é nossa linhagem primordial, nossa longa memória, nosso lar. A simbiose é então uma forma de retorno, quase um gesto de reconciliação com aquilo que nunca deveríamos ter deixado.

Referências

BRONOWSKY, J. **A escalada do homem**. Trad. Núbio Negrão. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Original publicado em 1973).

DESCOLA, Ph. Humain, trop humain, conferência no colóquio **Comment penser l'Anthropocène ?**, 5 e 6 novembro de 2015, Collège de France, Paris. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yY_mVVtkQi4&t=208s, consultado 05/12/2025.

HARAWAY, D. **Cyborg Manifesto**: Science, Technology, and Socialist-feminism in the Late Twentieth Century. Ed. Macat Library, 2018. (Original publicado em 1985).

KASSABOVA, K. **Elixir**: in the Valley at the End of Time, Ed. Jonathan Cape, 2023.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: Ensaio de antropologia simétrica. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, Coleção Trans, 1994.

LEVI-STRAUSS, C. **Mythologiques [1], Le cru et le cuit**, Paris: Ed. Plon, 2014. (Original publicado em 1964).

MARGULIS, L.; SAGAN, D., **Microcosmos**: 4 milliards d'années de symbiose terrestre. Trad. Gérard Blanc et Anne de Beer. Marseille: Ed. Wildproject, 2022.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. C. A. R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Original publicado em 1945).

Sobre a autora

Nikoleta Kerinska é artista, pesquisadora e professora de arte na Universidade Politécnica Hauts-de-France (França). Em sua pesquisa, ela se interessa pela simulação como meio de construção de ficções artísticas, pelos diversos registros da imagem, e, especialmente pelas noções de transmídia e de intermídia no campo da arte. As convergências e as divergências entre texto e imagem como sistemas de signos dessemelhantes estimulam fortemente suas reflexões.

<https://nk.artificialis.org/>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9119298795241795>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5486-1381>

Como citar

KERINSKA, Nikoleta. Simbioses: dinâmicas entre humano e não-humano na arte. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v. 6, n. 2, p. [n.p.], jul./dez. 2025. DOI 10.14393/EdA-v6-n2-2025-80923. **(versão ahead of print)**.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.